

A juventude e o ódio

Hélène L'Heuillet

*Esta conferência¹ tem por base as teses desenvolvidas por Hélène L'Heuillet em sua última obra *Tu odiarás teu próximo como a ti mesmo*, lançado pela Albin Michel em 9/17 e que merece nossa atenção. Com efeito, trata-se de um trabalho que sai do campo da análise fenomenológica dos radicalismos contemporâneos para nos propor uma análise estrutural a partir da estrutura mesma da linguagem, operando uma tessitura bastante interessante, da psicologia coletiva e da psicologia individual, do político e da subjetividade. Apesar do título um pouco rude, não nos enganemos: trata-se de um livro de um grande otimismo sobre o poder da linguagem em continuar a nos civilizar, a aceitar nossas divisões, nossa alteridade, nossa humanidade.*

Agradeço vivamente a Angela, pelo convite a participar das reflexões desse cartel sobre a psicologia das massas contemporâneas, e agradeço igualmente a Yorgos e Gilles por terem aceitado discutir o assunto que vou tratar: *A juventude e o ódio*. O ódio da juventude, no sentido genitivo subjetivo, o ódio que a juventude experimenta pelo mundo, interessa com efeito na questão das novas massas, com ou sem líderes.

A juventude sujeita ao ódio não é toda a juventude, mas ela representa uma parte bastante significativa para inquietar o social. Ela é com efeito, a juventude "radical", em um significante que não é, a meu ver, oportuno de começar por recusar, pelo menos que não podemos recusar antes de compreender qual real ele pode apreender para ter tanto sucesso. Falar de "radicalização" para designar o engajamento no jihadismo, nos obriga a nos situarmos no ponto de radicalidade da recusa do qual testemunha a juventude seduzida por esse fenômeno. O ódio experimentado pela juventude é com efeito um "não" radical, um "não" que toma a civilização, a cultura, a política, em suas raízes; quer dizer, a humanização do humano e a vida comum dos seres falantes, dos fala-ser.

O "não" da juventude radicalizada é um "não" que quer erradicar tudo isso que não funciona na ordem social e política. A radicalização não toca certamente, somente a juventude, mas o recrutamento pelo jihadismo, quer se trate da Al-Qaïda ou do Daech, tem por alvo privilegiado a juventude (a idade média do recrutamento situa-se entre 17 e 28 anos). Esta radicalização por ser efetiva, supõe a relação a uma massa, *umma* virtual que se trata de re-encontrar na passagem ao ato real. Existe líder nessas massas? Isso não é certo, nem Ben Laden nem Baghdadi foram conduzidos jamais como líderes populistas e não unicamente em razão da clandestinidade ao qual se obriga o uso do terror. Parece que estamos precisamente nesses casos pontilhados por Freud em *Psicologia das Massas* (cap. 6 *Outras direções de trabalho*), onde ele evoca a possibilidade que o líder da massa seja substituído por uma abstração, por uma ideia "as massas religiosas, obedientes a um chefe supremo impossível de mostrar, fazem efetivamente a transição". E ele acrescenta (perdão por uma citação longa): " O líder ou a ideia condutora poderia também, por assim dizer, tornar-se negativos; o ódio sobre uma pessoa ou instituição determinada poderia ter um efeito também unificante e suscitar laços de sentimentos análogos àquele que suscita a lealdade positiva. A questão é então saber se o líder é efetivamente indispensável à essência da massa."

¹ Conferência pronunciada na Maison de l'Amérique latine, dentro do ciclo de conferências organizadas pelo Cartel franco-brasileiro de psicanálise, sobre o tema Massas com líder e massas sem líder: aproximações da subjetividade contemporânea.

Os grupos unidos pelo ódio são aqueles que reúnem os jovens seduzidos pela "radicalização", me parece que para compreender o ódio experimentado pela juventude, é necessário mesmo alargar a expansão desse termo, não reservá-lo à radicalização jihadista, mas incluir a tentação populista que toca também a juventude. Na França, o voto na Frente Nacional, não é um voto do idoso, mas na mesma faixa de idade do jihadismo, ele está no topo das intenções de voto dos não-abstencionistas, concorrendo com a *Françe Insoumise*. Há também grupos que tornam efetivos a passagem ao ato que representa no "sistema", um voto "anti-sistema", e existem grupos mesmo com líderes, se reunindo em torno de um líder.

Vou tentar colocar três questões para tentar compreender esses fenômenos. Ao intitular esta conferência "A juventude e o ódio", desejei não reduzir a exposição ao ódio experimentado pela juventude, para começar por situar o contexto. O ódio é uma questão para a juventude e é o sintoma de uma parte dentro dela. A primeira questão se coloca sobre a filiação: De quem ou de que os jovens são filhos? Segunda questão: como os jovens hoje colocam o ódio em ato? E terceiro: como eles podem se arranjar com seu ódio para não colocá-lo em ato?

1 - De quem ou de que os jovens são filhos?

Começar por interrogar sobre o ódio da juventude como sintoma, é já fazer uma escolha teórica, aquela da banalização do ódio. Existe uma forma romântica de ver o ódio que surge na juventude seduzida pela radicalidade, como se esta fosse um equivalente do amor. O ardor guerreiro e a paixão destrutiva se compreendem então como equivalentes do ardor erótico. É isto que é considerado como característica da juventude, e isto desde as descrições dos filósofos da antiguidade. Tradicionalmente, sempre, o ódio vem com a idade: os mais velhos são amargos enquanto os jovens são amorosos. A racionalização ou a banalização consistem em se re-assegurar dizendo que é sempre verdade, mas de outra maneira. No mínimo, dizemos às vezes, nessa lógica banalizante e racionalizante, eles amam a morte. Mas é uma grande vitória de Ben Laden ter feito crer que o amor à morte era amor, mesmo que feito de ódio.

Nos perguntarmos de que esses jovens que experimentam seu ódio nas passagens ao ato mortíferos são filhos, não para buscar também as causas da radicalização. A causalidade sociológica pôde a demais apenas encontrar "fatores" ou "vetores" da radicalização. Mas, esses "fatores" ou "vetores" não permitem compreender o ódio, pois eles são marcados nesse lado da escolha que, no cruzamento do caminho, conduz seja a privilegiar a via de Eros, ou a de Tanatos. Essas análises situam-se unicamente, no nível do consciente, no nível da ideologia. Ora, é necessário evidentemente, escutar o que dizem, e o que não dizem, os jovens seduzidos pelo ódio, e é escutando-os além do discurso ideológico, que eles recitam com um disco; é então unicamente que podemos apreender alguma coisa do que os conduz a precipitarem-se no ponto final da vida, sem passar pela vida, quando isso toma a forma da radicalidade jihadista. Na radicalidade populista, a passagem à morte parece menos precipitada pois é ainda metafórica, já que, isto que é visado é a colocação da morte da forma representativa, parlamentar da democracia, acusada de não ser senão blá-blá-blá. A passagem pelo líder parece abrandar o acesso à morte, o que não é nada, mas não permite ocultar que, na história, a morte política sob o efeito dos populismos não se traduz em regimes criminosos.

A diferença do populismo e do jihadismo nos ensina o que está em jogo no ódio pela juventude que é submetida a ele. O que está em jogo é uma gigantesca transformação da ética que é produzida no discurso contemporâneo e do qual somos herdeiros, e no qual educamos nossos filhos, sem que o soubéssemos. O que está em jogo se sustenta na linguagem. Houve um levantamento do recalçamento sobre o ódio, e a juventude nasceu nessas condições que são condições novas para o recalçamento das pulsões e particularmente do ódio, pois quando as pulsões não são recalçadas, ou pelo menos quando as condições de

recalcamento mudam, isso tem por efeito que o ódio pode muito mais facilmente ser colocado em ato. Quando as pulsões não são recalcadas ou são recalcadas de maneira diferente, é o ódio que ganha.

O recalcamento do ódio foi por muito tempo apresentado como uma transformação do ódio em amor, por exemplo na máxima "tu amarás teu próximo como a ti mesmo". Trata-se bem do ódio como mostra Freud em *Mal estar na cultura*. Os homens sempre a ouviram como uma autorização a fazer desde que o "nada" não seja um fim mas uma condição. Existe aí um niilismo, quando desse nada que constitui a função do falar, tira-se a conclusão que nada tem valor, e que nada merece existir. Daí, o além retorna no real, sob forma do imperativo de destruição. O além serve então a uma forma de desmembramento (*décapitonnage*). E aí um líder não é necessário. O comando de matar no jihadismo, pode vir sob forma de mandamento. A negação não é mais um operador da simbolização, mas da destruição.

Os filhos da crise da linguagem e do não-recalcamento do ódio não podem mais manejar a negação a não ser tornando-a absoluta (é necessário destruir tudo, rejeitar tudo, denegrir tudo). O ódio não pode mais ser trançado juntamente com as outras pulsões, e as pulsões mesmas não podem mais ser simbolizadas. Ao esgarçamento social corresponde o esgarçamento pulsional. Então, duas questões: como esses que estão presos nesse jogo colocam em ato o ódio e como o trançado se mantém para os que não o colocam em ato?

2 - A colocação em ato do ódio pela juventude radicalizada

A colocação em ato do ódio na juventude radicalizada, se ela é o efeito do não recalcamento do ódio em um contexto de crise da linguagem, toma a dupla forma do ódio de si e do ódio do outro, ódio de si como outro, ódio do outro na medida em que o outro tem uma parte de si. Vai-se aqui do Outro ao outro. Por que o Outro não é reconhecido no social, o outro é odiado em si com ele. A colocação em ato do ódio passa, no duplo caso do jihadismo e do populismo, por este duplo ódio no qual o ódio de si serve de alavanca ao ódio do outro. O registro especular testemunha de toda sua violência quando os operadores da violência não funcionam mais.

O populismo e o jihadismo têm em comum o descarregar o sujeito do ódio de si projetando-o sobre o outro, e de projetar sobre si o ódio do outro. É isto que significa o ideal de pureza nos dois casos. Tanto que no jihadismo se não matou os não crentes se é ainda si mesmo. É necessário odiar todos não crentes, como se odeia o não crente que está em si, e o único meio de suprimi-lo é se matando e assim, matando-os. No populismo nacionalista, da mesma forma, não se é jamais muito "nacional". A xenofobia é um esforço de extrair a alteridade de si, e o ódio do outro é ódio do que está sempre misturado nas culturas humanas. O voto populista é já uma passagem ao ato. Odeia-se o outro como se odeia a si mesmo como outro. A idealização de uma comunidade pura passa pela desidealização odiada.

A colocação em ato do ódio, nessas passagens ao ato que são o engajamento no jihadismo e o engajamento no populismo, não são possíveis senão por uma intensa atividade de desidealização. Fazer complô por exemplo, presente nos dois casos, é um exemplo de desidealização. Uma desidealização bem acabada é um obstáculo completo a toda crença. Fazer ver o contrário das coisas, a verdade sob a mentira, é rasgar todas as telas, aí compreendida o semblante que é a linguagem mesmo. O que resta da retórica nos discursos de recrutamento são verdadeiros exercícios de desidealização. A retórica do complô permite que o ódio seja colocado no relato e não seja mais vivido sobre um modo afetivo. Os argumentos racistas procedem da mesma maneira. O ódio é sempre generalizante. Ele libera o sujeito dele mesmo e então aquele que odeia não pode considerar um sujeito nele mesmo.

Os exercícios de desidealização permitem assim levantar o interdito de matar, fundador das sociedades humanas. No populismo eles levantam a obrigação de troca social, ativando a nostalgia da sociedade fechada. O ódio da representação política é ódio da divisão sob todas as formas, divisão subjetiva, divisão do povo com ele mesmo. No jihadismo, as formas de matar parecem indicar que remontamos mesmo alguém do especular.

Como esses interditos e essas obrigações maiores são levantadas? Não é tão fácil para um fala-ser não observar o interdito de matar e a obrigação de troca. Por sua vez, todo mundo pode fazê-lo em algumas circunstâncias e isso não é fácil jamais, pois isso implica uma renúncia à linguagem, uma transgressão não somente das leis da cidade, mas das leis da linguagem mesmo. Na história política humana, se a analisarmos como uma história das pulsões, nos apercebemos o levantamento do interdito de assassinato por odiar aqueles que não "próximos". O recalçamento do ódio pelo amor é hoje objeto de uma nostalgia, parece, a vermos as declarações de intenção "contra o ódio" e os apelos ao amor que os acompanham no discurso daqueles refletem sobre a sociedade. Mas um recalçamento não se decreta. E o recalçamento do ódio não impede o ódio, mas coloca um freio no gozo do ódio, o qual favorece a passagem ao ato odiento.

Tudo se passa como se a realidade psíquica do ódio, notadamente trazida à tona por Freud e a psicanálise, fosse reconhecida em sua verdade. Isso não incomoda ninguém, "ter ódio". O levantamento do discurso sobre o ódio no discurso social não se situa entretanto no mesmo registro que o levantamento do recalçamento no tratamento analítico. O que diferencia os dois não é a oposição do coletivo e do singular, mas o fato de que num caso tem a ver com o dar conta de um inconsciente no consciente, no reconhecimento de uma pulsão transformada por sua passagem na linguagem, sua lenta elaboração mesmo quando ela é revivida com força no psiquismo, enquanto que no caso de um discurso de ódio não recalçado, o ódio é inicialmente consciente, sob forma de insulto, de denegrir, de sarcasmo, mesmo de grito, e pode autorizar uma passagem ao ato. Em um caso existe o reconhecimento do ódio, que impede a passagem ao ato, no outro o gozo que o encoraja.

Minha hipótese é que fundamentalmente, esse discurso do ódio que autoriza a passagem ao ato é menos um discurso que o efeito de degradação da linguagem. O ódio desarticula a linguagem, as palavras ditadas pelo ódio não fazem mais discurso, elas não colocam com efeito, um interlocutor, elas não se dirigem a ninguém. O ataque populista é um marcador de reconhecimento, a propaganda jihadista não se dirige apenas àqueles que são susceptíveis de aderir a ela. É, bizarramente, isso que convence. Pelo ódio, existe a princípio mais adesão que convicção. A diferença de lugar que faz com que o discurso seja uma espécie de "corrida" não é reconhecido. É a razão pela qual na estrutura, o ódio produz, não sociedade, mas massa - com ou sem líder. A sociedade é por definição dividida e plural, animada pelo conflito da discórdia dos discursos. Entretanto, quando os discursos não giram mais, a sociedade se transforma em massa. Toda destruição da linguagem tem por efeito que a sociedade se transforme em massa. Bizarramente, o desenlaçamento odiento produz todos compactos - instáveis e podendo implodir, mas compactos - enquanto que os laços que têm relação com Eros, quer dizer, que são resultado de uma intricação pulsional, de libido e também, com certeza, de uma forma de ódio, deixam de existir da divisão e da pluralidade. Isto é apenas paradoxal, aparentemente, divisão e desenlaçamento não sendo da mesma ordem. A divisão é o efeito sobre o sujeito da linguagem, a segunda, da tentativa de escapar ao empreendimento daquela e a suas incidências subjetivas. O desenlaçamento provoca a fusão; a divisão é a condição dos laços.

Crise de linguagem e não recalçamento do ódio constituem então o "contexto" da juventude contemporânea. A crise da linguagem produz uma desubjetivação geral. Ela concerne também ao uso

generalizado de acrônimos, quanto ao desaparecimento da pontuação nas práticas de "comunicação", assim como toda a subversão do sentido das palavras no vocabulário político, que não é mais da ordem da equivocidade, mas da mentira (por exemplo, a palavra "república" para designar interesses privados). O termo contexto, convém na verdade muito mal pois não há precisamente texto, nem também, intricação pulsional - o que é requerido para que exista essa espécie de tecido que é um texto. Mas podemos empregá-lo pois todas as tentativas de se passar da linguagem têm lugar na linguagem. A linguagem produz ela mesma, uma forma de ódio que se mantém na revelação do "nada" que lhe é inerente. Daí a tentativa de se passar da linguagem na passagem ao ato jihadista, que recusa os princípios da política enquanto relação especificamente linguageira, ou essa de se situar em seu limite, como no ataque populista.

Este "contexto", esse "contexto" singular pode ser nomeado niilismo, se concordamos em considerar o niilismo como uma tensão sobre o nada, "niil" que impede a negação de jogar seu papel de operador da simbolização. Existe um verdadeiro no niilismo. O nada é com efeito inerente ao fato de falar, ele é a condição dos fala-ser. Com o nada vem também necessariamente a dimensão do além. Nada detém com efeito, o reenvio de um significante a outro significante. Desse fato, o "não da negação relança o apelo do significante para um outro significante. A negação, por estrutura, simboliza, pois ela funciona como apelo de um significante para um significante. Para que a negação funcione como operador da simbolização, o político teve geralmente por condição a formação expressa de uma ordem, dada pela autoridade política. Os sujeitos chamados a obedecer podiam não aderir pelo menos parcialmente a esse comando vindo de um outro. A massa criada era um exército, o que Freud chama uma "massa artificial", e que ele define como uma das massas pelas quais "uma certa pressão externa é colocada em ação para lhes preservar da dissolução". (Psicologia das massas, cap. 5)

No jihadismo, o modelo militar é certamente empregado. Mas, há uma grande diferença com o exército. A pressão não é externa e a obrigação de obedecer deve vir do sujeito mesmo. É o sujeito que decide se remeter a uma autoridade que lhe ordena que mate. A mais, a comunidade que reúne o jihadista é mais virtual que real, mesmo no tempo do Daech. Isso não a torna menos fusional e compacta. Sua força vem de que ela é fundamentalmente uma comunidade de um tempo posterior, após o fim dos tempos. A ordem de ataque vem diretamente do grande Outro: "Allah Akbar". E a comunidade se une por linhas horizontais, que são mesmo, eletivamente para o Daech, aqueles da fratria. É por razões de estrutura que o Daech encorajou as fratrias. Na espera do fim dos tempos que o jihadismo tem de fazer precipitar, as linhas são horizontais. A palavra não pode vir senão de dizeres do profeta após seleção daqueles a quem concerne o fim dos tempos. É um "outro islã" esse que serve para unir ao jihadismo, outro que não é compatível com a ordem secular - razão pela qual esta massa não é mais aquela da Igreja, outra massa artificial, segundo Freud. Este "outro islã", em ruptura com todas as outras correntes do islã, mesmo as mais rigorosas, passa pelo terror e requer um "não" radical à ordem secular. Se matar matando, não é mais da ordem do sacrifício. Todo amor a vida deve ser considerado como idólatra. O modelo de autoridade dessas massas sem líder é um modelo mais maternal que maternal (erro?), é a razão pela qual a abolição de um sujeito no fim dos tempos toma a forma de reunir um além do especular de qual testemunha a demolição dos corpos nas formas de matar.

Parece que nas massas com líder, como são as massas populistas, alguma coisa de Eros subsiste ainda. O que une a massa populista não é unicamente um discurso de ódio, mas o amor ao líder. No nível da ideologia, como aliás no jihadismo, temos a impressão que existe um desejo de ligação - de ligação forte contra os laços frouxos das sociedades individualistas. Entretanto, a projeção do ideal do eu sobre o líder, que é o caminho das massas populistas, como o mostrou Freud, não cria laços. Este amor aí é da ordem da paixão e ele se dirige para a morte, como todo amor passional. Ele impulsiona a seu termo, a lógica especular

narcísica. A massa em fusão não está unida no sentido próprio, pois não pode haver aí ligação senão entre sujeitos que não "colam" uns aos outros. É manifesto, de todo modo, que o desenlace do ódio combata ao líder mesmo. As famílias populistas estão, como as famílias jihadistas em desenlace permanente e o líder é abandonado também com a mesma rapidez que foi elevado ao nível do ideal. É necessário saber que quando se serve de suporte ao ideal, para desidealizar, proferindo palavras de ódio, pode-se ser o objeto de ódio em retorno.

A diferença entre o populismo e o jihadismo não reside no motor pulsional do ódio, pois eles têm em comum a crença que a expulsão ou o assassinato do outro vão conduzir a um acontecimento de se livrar das escórias da alteridade. A diferença se situa na dimensão do discurso.

O populismo dissolve o discurso e dessa forma, ele é perigoso e empreende a passagem aos regimes de terror, quando não lhe é barrado o acesso. Mas ele permanece no domínio da política secular e podemos esperar que a linguagem política, da controvérsia, aos programas, das contestações às invenções, prevaleça sobre a destruição das trocas de palavras.

No jihadismo passou-se para outro nível de destruição. E para esse outro nível, o recurso ao religioso é requerido. O religioso, no jihadismo, transforma o além em fim político. O fim político não é um programa político - o qual passa pela articulação de fins e meios e então deve se submeter a lei dialética da linguagem. A destruição da linguagem toma no jihadismo a mesma forma de recusa da divisão subjetiva, da pluralidade e da mistura e também da equivocidade da linguagem como no populismo. Mas, em seu caso, o além faz retorno no real. Não há pequeno outro para receber a forma idealizada do eu, então vai diretamente ao Outro, que ordena que se vá diretamente ao além. Certamente, alguns jovens se prendem no jogo da linguagem, e a ideologia então os impede da passagem ao ato. Outros se engajam numa lógica de guerra e não de terror; eles se tornam os "arrepentidos". É sem dúvida para evitar esses dois riscos, que não são completamente evitáveis, que o recrutamento pelo Daech tornou-se nos últimos tempos tão rápido.

A religião tem inegavelmente, jogado um papel na aceleração do recrutamento jihadista. A religião não serve mais à sublimação como em Freud. Ao contrário, ela serve para mobilização pulsional. A conversão do sujeito não se faz de uma transformação do fim pulsional mas ao contrário, pelo encorajamento deste. O sujeito, na religião, se consagra aos fins últimos, como o diz Lacan. Não é unicamente no nível intelectual mas também no nível pulsional que esta devoção, ou que este devotamento, podem ter lugar. O que é buscado nos engajamentos radicais da juventude que tem em comum a erradicação da alteridade é a princípio mais uma forma de báscula em uma nova economia pulsional do que uma sublimação. Trata-se de se descarregar de si, do peso da subjetividade dividida e questionadora. Os jovens radicais não veem nos ver, ou nos deixam, pois eles encontraram a solução e, dizem eles, ela os apaziguou. A conversão religiosa clássica e os engajamentos políticos não transformam a economia psíquica, mas abrem novas trilhas, para retomar o vocabulário do Projeto de Freud. O que é visado, através das colocações em ato do ódio, é talvez o acesso a um além, talvez menos sofrimento psíquico que na hiância psíquica, esta hiância que se revela a nós muito simplesmente quando falamos. É esta hiância que preenche uma mobilização pulsional a serviço deste além real que é a morte.

Nesse dispositivo, o valor da vida não pode então senão ser radicalmente colocado em questão, e não é espantoso, que fora dos engajamentos radicais, o suicídio dos jovens represente um fenômeno de amplitude que deve nos interrogar, pois é já uma colocação em ato do ódio. E ele supõe uma massa, uma massa sem líder. A vida, para a juventude que não foi educada com a capacidade de simbolizar a negação e com a negação sem pesar na balança quando a aspiração a este além da morte se apresenta com sua força

enigmática. A vida está sempre aquém desse objetivo. Para grande número dentre eles que se lançam aos esportes extremos ou às experiências limites, ela vale muito mais aliás como reservatório pulsional no qual se possa ir tanto quanto possível. É verdade que o além trabalha sempre a pulsão, mas lá não é em vista da metamorfose que ela trabalha, como na sublimação, mas a princípio sob uma forma de aspiração, que o sujeito traduz pela existência, nele, de um "apelo" ao qual ele teria respondido no populismo como no jihadismo.

Esta hiância que preenche a aspiração mortífera toma frequentemente o nome aparentemente banal de tédio. Mas, o tédio é já um ódio, é a etimologia da palavra tédio (estar com ódio). O tédio faz se odiar. Diz-se então que no tédio, não sabemos o que fazer consigo. O pulsional erra no vazio quando se está entediado. O vazio do tédio não é o vazio que aparece como falta no desejo. O tédio pode ser insuportável. A satisfação pulsional procurada por aqueles que se entediam é o gozo do próprio ódio, que se traduz pelo choque, palavras chocantes do líder populista, choque das imagens no recrutamento jihadista. É o choque que livra do que resta de subjetivo no tédio. O tédio e a traumatofilia² caminham juntos.

Como a juventude pode escapar ao tédio, ao ódio?

3 - Escapar ao ódio

Na verdade, não escapamos do ódio, não escapamos do tédio. São experiências necessárias. Às vezes, não experimentá-las, é muito inquietante. Mas no caso da juventude contemporânea, a dificuldade é de experimentar na cultura os recursos que permitem simbolizar as pulsões e realizar uma intricação, um texto, que permita não ir diretamente para a morte. Contrariamente ao que os jihadistas fazem crer, transmitir o valor da vida é o que há de mais difícil numa cultura. Que o ódio e o tédio sejam sintomas de nossa juventude testemunha bastante que o amor à vida é tudo, menos uma oferta. As pulsões não são "naturais", elas não conhecem, lembra Lacan, nenhum dos ritmos biológicos (alternância dia/noite, rotação das estações). Elas estão presas no Outro, na linguagem. A educação, quando ela não se contenta, como hoje, no desenvolvimento de performances cognitivas, tem a princípio a função de permitir que se tome a pulsão em um tecido, no texto da realidade psíquica de cada um.

Quais são os recursos que mobilizam os jovens que não operam a balança psíquica no ódio? De início, podemos observar que o ódio está de toda forma menos recalcado nos textos nos quais a juventude se reconhece. Mesmo quando existe texto, quer dizer, intricação pulsional, intricação do amor e do ódio, o ódio se diz sempre cruamente. As palavras das canções, notadamente no rap, apreendidas por quase todos os jovens, o mostram bem. São palavras, é linguagem que, salvo exceção, não incita a passagem ao ato de ódio, e fala mesmo de amor, de aflição, de alegria. Mesmo não ocultando o ódio nelas.

O ódio é, de toda forma na cultura, como Freud o observou em Mal estar na cultura, mais difícil de recalcar que o amor. Os códigos amorosos mudam na juventude de hoje. Os laços libidinais se transformam. O ódio não é mais recalcar pelo amor, e o amor deve encontrar outro caminho em um contexto senão de ódio assumido, pelo menos de ambivalência assumida. A única coisa que se pode esperar é um novo laço pulsional a partir dessa ambivalência assumida, que não retornará nas condições do recalcar recente, mas que limitará o gozo do ódio e da cultura do choque.

² A traumatofilia diz respeito à exposição repetitiva e voluntária de um indivíduo a uma situação que, em determinado momento, originou um trauma. N. T.

Esta nova tessitura, vemos mal como poderia não se desenvolver nos laços horizontais. O argumento do cartel evoca *Nuit Debout*³, *Santo Daime* e *Movimento Passe-livre*. Este último me parece se aparentar mais ao *Nuit Debout* que ao *Santo Daime*. O que nos permite distinguir *Nuit Debout* das massas populistas, não é a ausência ou presença de líder, pois não há líder no jihadismo e este é entretanto, muito diferente do *Nuit Debout*. Movimentos como *Nuit Debout* ou *Movimento Passe-livre* estão tomados na linguagem, com reivindicações ou discussões onde se pode contestar a pertinência mas que se parecem, antes de tudo, mais a manifestações que a massas, ou no vocabulário de Freud, a multidão (*Menge*) do que massa (*Massen*). Nem toda ocupação de rua ou de praça faz massa no sentido fusional do termo. O "sim" de adesão ao líder não deve ser confundido com o "não" a uma reforma ou a uma medida governamental. De fato, é o "sim" de adesão ao líder que é um "não" radical, enquanto que o "não" das manifestações populares nas quais se discute projetos de sociedade é um não dialético, que corresponde à função própria da juventude.

Pois a juventude tende a dizer "não" se arranjando sempre com o que lhe deixam. A questão não é que a juventude diga não. Toda geração deve transformar a herança, exceto deixá-la perecer. Existe um niilismo escondido da juventude conservadora de hoje, que valoriza o passado e experimenta ódio por toda mudança qualquer que seja. É porque a paixão revolucionária está erotizada na juventude. A juventude niilista parece assimilar temas revolucionários, mas é muito diferente sobre o plano pulsional de se engajar em uma revolução (pensemos no entusiasmo pela primavera árabe), e no jihad.

A questão é a tessitura desse "não" com um "sim". A invenção das novas formas de democracia me parece tentar uma nova tessitura e não parecer massas odientas. Embora os movimentos que emanam dessa busca sejam às vezes atravessados pelo ódio, o ódio não é seu motor passional. Não existe líder aí mas o que faz retorno não está além da morte, mas uma tentativa talvez de encontrar o sentido da palavra e da controvérsia política. Se achou graça dos projetos de constituição política que foram chamados a se formular com o *Nuit Debout*, mas, o que é senão a tradição popular da discussão política sem a qual não podemos estar interessados pela representação parlamentar mesma? O laço que unia os participantes não era especular. São menos associações que justaposições, que impulsiona os recursos inexplorados de vizinhança pela simbolização do laço. Isto não exclui de forma nenhuma a existência de lugares de exceção (existe notadamente algumas falas intelectuais que emergem) mas, na contiguidade, alguma coisa do laço ao outro parece poder realizar uma nova tessitura do "não" com a ordem estabelecida e do "sim" da proposição, do ódio que resta não recalcado e do Eros que o modera.

Conclusão:

As relações da juventude e do ódio nos levam a interrogarmos sobre a sustentação que podemos ou não trazer a algumas iniciativas dos jovens, e não unicamente como podemos ajudá-los a reprimir as tentativas radicais.

A desradicalização entra em conflito com o impasse de destruir a destruição. Ao tomar a questão da radicalização de modo unicamente cognitivo, não se alcança o que está em jogo na pulsão. Entramos mesmo em congruência com a grande aporia contemporânea, que reside no superinvestimento do cognitivo. Contrariamente ao que se diz às vezes e, ao que dizem os jovens radicalizados, o hedonismo - o pseudohedonismo das sociedades de abundância - está suplantado pelo investimento cognitivo do transhumanismo. A juventude radicalizada exprime bem este ódio da vida que constitui a trama do

³ *Noite a pé ou noite de pé* é um movimento social francês que começou em 31 de março de 2016, decorrente de protestos contra as reformas trabalhistas propostas conhecidas como a lei El Khomri ou *Loi travail*. N.T.

transhumanismo, no qual não existem a não ser performances, não há inconsciente, nem gozo de um corpo, reduzido à sua imagem. O homem transhumanista não arrisca mais ser dividido por seu desejo inconsciente. Somos já todos transhumanistas, pois somos governados por algoritmos que nos fundem nas massas perfeitamente acéfalas: vocês gostaram de tal livro, vocês fazem parte da massa de leitores de tal ou qual, vocês já assinaram tal petição, vocês fazem parte também daqueles que assinaram aquela petição lá.

A única forma de apoiar a juventude é de lhes permitir sustentar sua divisão subjetiva, o que não é fácil, pois isso passa por um tessitura pulsional nova, como essas canções que dizem o amor com o ódio e das massas sem líder, da qual se pode entretanto esperar que elas contribuam para "secar o Zuydersee" - para retomarmos a imagem pela qual Freud simbolizou o trabalho de tessitura pulsional da civilização.

Tradução: Amélia Lyra

Para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos